

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA

À

SIERRA DA ESTRELLA

EM 1881

SECCÃO DE ARCHEOLOGIA

RELATORIO

DO

SR. DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1883

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA

A

SERRA DA ESTRELLA

EM 1881

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA À SERRA DA ESTRELLA EM 1881

Abreviatura — S. S. G. — Socio da Sociedade de Geographia

PESSOAL SUPERIOR

SECÇÃO DE AGRONOMIA E SILVICULTURA

CHEFE — Jayme Batalha Reis, S. S. G., *professor do instituto geral de agricultura.*
Antonio Lopes Mendes, S. S. G., *agronomo.*
Joaquim Pedro de Freitas Castello Branco, *agronomo do districto da Guarda.*
Pedro Roberto da Cunha e Silva, S. S. G., *engenheiro sylvicultor, chefe de divisão florestal.*

SECÇÃO DE ANTHROPOLOGIA

CHEFE — Dr. José Joaquim da Silva Amado, S. S. G., *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*
Dr. Francisco Augusto de Oliveira Feijão, S. S. G., *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CHEFE — Dr. Francisco Martins Sarmento, S. S. G., *archeologo.*
Gabriel Pereira, S. S. G., *archeologo.*
Joaquim de Vasconcellos, S. S. G., *archeologo.*

SECÇÃO DE BOTANICA

CHEFE — Dr. Julio Augusto Henriques, S. S. G., *professor da universidade de Coimbra.*
Jules Daveau, S. S. G., *jardineiro em chefe do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa.*

SECÇÃO DE CHIMICA

CHEFE — Carl von Bonhorst, S. S. G., *assistente do professor no laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa.*
Antonio Eugenio de Carvalho da Silva Pinto, S. S. G., *primeiro tenente de artilheria, instructor de trabalhos chimicos na escola do exercito.*

SECÇÃO DE ETHNOGRAPHIA

CHEFE — Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, S. S. G., *capitão de engenharia, professor da escola do exercito.*

SECÇÃO DE GEOLOGIA

CHEFE — João Eduardo Albers, S. S. G., *engenheiro, inspector de minas.*
Adjunto — Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, *conductor de minas.*

SECÇÃO DE HYDROGRAPHIA

CHEFE — José Emilio de Sant'Anna Castello Branco, S. S. G., *capitão de engenharia, professor da escola do exercito.*
Pedro Romano Folque, S. S. G., *capitão de engenharia.*

SUB-SECÇÃO — LEVANTAMENTO E SONDAGENS DAS LAGOAS

CHEFE — Francisco da Silva Ribeiro, *major de engenharia, director das obras publicas do districto da Guarda.*
Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, S. S. G., *capitão de engenharia, professor da escola do exercito.*
Norberto Amancio de Almeida Campos, *tenente de infantaria servindo na direcção de obras publicas do districto da Guarda.*

SECÇÃO DE MEDICINA

CHEFE — Dr. José Thomás de Sousa Martins, S. S. G., *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*
Dr. Jacinto Augusto Medina, S. S. G., *facultativo do hospital de marinha.*
Dr. José Antonio Serrano, S. S. G., *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

SUB-SECÇÃO DE HYDROLOGIA MINERO-MEDICINAL

CHEFE — Dr. Leonardo Moreira Leão da Costa Torres, S. S. G., *medico.*
Dr. Jacinto Augusto Medina, S. S. G., *facultativo do hospital de marinha.*

SUB-SECÇÃO DE OPHTHALMOLOGIA

CHEFE — Dr. Francisco Lourenço da Fonseca, S. S. G., *medico-oculista.*
Adjunto — Alvaro da Fonseca, *alumno do 4.º anno da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

SECÇÃO DE METEOROLOGIA

CHEFE — Augusto Carlos da Silva, *primeiro tenente da armada real, observador do observatorio meteorologico do infante D. Luiz.*
Hermenegildo Carlos de Brito Capello, S. S. G., *capitão tenente da armada real, explorador geographo.*
Dr. Jacinto Augusto Medina, S. S. G., *facultativo do hospital de marinha.*

SECÇÃO DE PHOTOGRAPHIA

CHEFE — Frederico Augusto Torres, S. S. G., *major de cavallaria.*
Alberto Julio de Brito e Cunha, S. S. G., *segundo tenente de artilheria.*

Norberto Amancio de Almeida Campos, *tenente de infantaria, servindo na direcção de obras publicas do districto da Guarda.*

SECÇÃO DE ZOOLOGIA

CHEFE — Fernando Mattoso dos Santos, S. S. G., *professor da escola polytechnica de Lisboa.*

SECÇÃO DE ZOOTECHNIA

CHEFE — José Anastacio Monteiro, *intendente de pecuaria do districto da Guarda.*

SECÇÕES AUXILIARES¹

TOPOGRAPHIA

CHEFE — Antonio Xavier de Almeida Pinheiro, S. S. G., *engenheiro civil.*
Augusto Cesar Paes de Faria, *engenheiro, chefe de serviço.*
Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, *engenheiro.*
Bartholomeu Valladas, *conductor, chefe de secção.*
Barnabé da Costa Roxo, *conductor, chefe de secção.*
Carlos Agostinho da Costa, *conductor, chefe de secção.*
Antonio Henriques de Almeida Castello Branco, *conductor.*
Antonio Maria Beltrão, *conductor.*
Antonio Marques da Silva, *conductor.*
Eduardo Frederico de Mello Garrido, *conductor.*
Francisco Sabino da Costa, *conductor.*

ACAMPAMENTO

CHEFE — Francisco da Silva Ribeiro, *major de engenharia, director das obras publicas do districto da Guarda.*
Norberto Amancio de Almeida Campos, *tenente de infantaria, servindo na direcção de obras publicas do districto da Guarda.*
André de Moura, *apontador de primeira classe.*

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA EXPEDIÇÃO

PRESIDENTES — Hermenegildo Carlos de Brito Capello, S. S. G., *capitão tenente da armada real, explorador geographo* — Dr. José Thomás de Sousa Martins, S. S. G., *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*
SECRETARIO — Rodrigo Allonso Pequeto, S. S. G., *professor do instituto industrial e commercial de Lisboa.*
THESOUREIRO — Eduardo Coelho, S. S. G., *redactor do «Diario de noticias».*
VOGAES — Emilio Henrique Xavier Nogueira, S. S. G., *capitão de infantaria, professor do real collegio militar* — José Estevão de Moraes Sarmento, S. S. G., *capitão de infantaria, promotor de justiça nos tribunales militares* — Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, S. S. G., *capitão de engenharia, professor da escola do exercito* — Manuel Francisco de Oliveira Feijão, S. S. G., *guarda-livros.*

COMISSÃO AUXILIAR, DA CIDADE DA GUARDA

PRESIDENTE — Francisco Antonio Patricio, S. S. G., *negociante, vogal da commissão executiva da junta geral do districto da Guarda.*
SECRETARIO — Fernando Pereira Mousinho de Albuquerque, S. S. G., *capitão de engenharia.*
VOGAES — Henrique Pereira Pinto Bravo, *engenheiro* — Joaquim Giraldes dos Santos, *funcionario publico* — José Abrantes Martins da Cunha, *redactor do «Districto da Guarda»* — José Augusto Barbosa Colen, S. S. G., *jornalista, procurador á junta geral do districto da Guarda* — Manuel Emygdio da Silva, S. S. G., *professor do lyceu da Guarda* — Manuel Lopes de Sousa, *proprietario* — Norberto Amancio de Almeida Campos, *tenente de infantaria, servindo na direcção de obras publicas do districto da Guarda.*

PESSOAL AUXILIAR

Francisco de Paula dos Santos Rodrigues, *apontador de primeira classe, amanuense da secretaria da Sociedade de Geographia* — Jayme Adelino Gomes da Silva, *ajudante dos observadores do observatorio meteorologico do infante D. Luiz* — José Manuel Morgado, *empregado do museu anatomico da escola medico-cirurgica de Lisboa* — Lima e Lemos, *empregado do museu zoologico da escola polytechnica de Lisboa* — Miquel Sertorio de Sousa, *praticante do laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa.*

PESSOAL MENOR

2 trabalhadores do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa — 2 trabalhadores do jardim botanico da universidade de Coimbra — 1 cozinheiro — 38 homens das localidades proximas da serra: carpinteiros, pedreiro, guias, caçadores, pescadores, correios, ajudantes de cozinha, cortador e trabalhadores — 1 corneteiro de infantaria n.º 12.

SERVIÇO DE POLICIA

1 cabo e 6 soldados de infantaria n.º 12.

¹ Incumbidas oficialmente de fazer o levantamento topographico e construir os abarracamentos em virtude do pedido que ao ministerio das obras publicas dirigiu a Sociedade de Geographia de Lisboa.



SMS	
BS	R. 3769
16-1-15a)	3008

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA

SERRA DA ESTRELLA

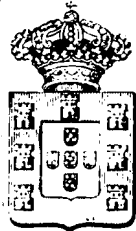
EM 1881

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RELATORIO

DO

SR. DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1885

Este relatório foi recebido na Secretaria da Comissão Administrativa da Expedição
em 15 de julho de 1882

ADVERTENCIA

Como a redacção d'este relatorio fosse pautada pelos quesitos do programma, distribuido aos membros da secção archeologica para nortearem os seus trabalhos, entendemos ser conveniente reproduzir o programma na sua integra.

É o seguinte:

I—ESTAÇÕES PRE-HISTORICAS

a) Carta topographica d'ellas.—Nomes que ainda hoje conservam, quer genericos, como Cividade, Castro ou Crasto, Castello, etc., quer especiaes.—Nomes dos montes, ou outeiros, em que ellas ficam. Tradições populares que lhes digam respeito.

b) Examinar se entre ellas ha algumas differenças caracteristicas, quanto á situação, systema de fortificações, etc.

c) Se dos objectos n'ellas encontrados, por exemplo, fragmentos de amphoras, de telhas com rebordo, etc., accusando uma influencia romana, se póde inferir quaes as anteriores á dominação romana, e quaes as que continuaram a subsistir depois d'ella;

d) Se dentro do seu recinto apparecem em penedos ou lages gravuras caracteristicas, como circulos, espiraes, grupos de covinhas (*fossettes*), etc., que devem ser copiadas escriptosamente.

e) Adquirir ou pelo menos tirar copia das pedras ornamentadas, inscripções, estatuas, baixos relevos, que existam nas ditas estações, ou lhes possam ter pertencido, bem como das que se encontrem em qualquer outra localidade da area que se explora.

f) Averiguar, sendo possivel, em que direcção a população primitiva dos altos

se estendeu para a planície, ou para o valle, e se ella formou uma nova povoação em tempos já christãos.

E, dado este caso :

g) Estudar attentamente a ornamentação das igrejas antigas, em torno das quaes aquellas povoações se constituíram, comparando-a com o estylo das pedras ornamentadas pertencentes á povoação primitiva ou de quaesquer outras estações antigas, ainda que situadas em localidades distantes.

h) Examinar as fontes que se veja terem sido utilizadas pela população dos altos, e explorar o terreno em que ellas ficam, se alguma indicação aconselhar tal exploração; recolher as tradições e superstições de que ellas forem objecto entre o povo.

i) Adquirir as armas de pedra, de bronze, objectos ceramicos, moedas que provierem dos monumentos d'este paragrapho e dos do paragrapho seguinte.

II—MONUMENTOS MEGALITHICOS

a) Carta topographica das antas, antellas (*tumuli*), menhirs, cromlechs, penedos e lages com gravuras, sepulturas abertas em rocha, etc.

b) Notar as differenças que possa haver entre estes monumentos e os das nossas outras provincias.

c) Estudar-os sob o ponto de vista da sua ligação com os monumentos do paragrapho antecedente.

E, n'este intuito :

d) Examinar a sua posição em relação ás povoações dos altos e ás estradas ou caminhos que partirem d'ellas.

e) Se pelos objectos que n'ellas se encontrem, telha romana, objectos de bronze, etc., se póde demonstrar a ligação que se procura.

f) O mesmo com respeito á identidade de gravuras insculpidas nas pedras d'estes monumentos, ou nas lages e penedos que lhes fiquem proximos, e as encontradas no interior das estações pre-historicas.

g) Verificar se ha, ou não, incompatibilidade entre as antas e antellas, e ainda se pelo conteúdo de umas e de outras se póde marcar entre ellas alguma differença chronologica.

h) Se as antas foram, ou não, cobertas por mamoas, e, n'este caso, se ha entre as mamoas das antas e das antellas outras differenças, alem da das suas dimensões.

i) Se algumas mamoas foram coroadas de menhirs.

j) Indicar na carta topographica dos monumentos d'este paragrapho os que occupam os valles, as chãs dos montes e outeiros, ou as gargantas dos mesmos, e os que ficam á beira de caminhos.

k) Tomar nota dos nomes populares d'estes monumentos e das tradições que o povo lhes liga.

As investigações a que procedemos, e as informações que obtivemos dos praticos, auctorisam-nos a estabelecer, até provas em contrario, que no coração da Serra da Estrella não ha antiguidades a procurar.

As preoccupações litterarias, que fariam crer o mais inacessivel dos Herminios habitado pelos nossos antepassados, os lusitanos, têm de desvanecer-se perante a realidade dos factos. É possível, é provavel, que em occasiões de grandes perigos, aquelle labyrintho de precipicios acenasse com um refugio seguro ás populações dos arredores, que lhe conhecessem os escaninhos; mas este refugio era então um esconderijo, um asylo temporario, que não podia guardar-nos vestigios apreciaveis dos seus fugitivos occupantes.

Lembremos sobretudo que a Serra propriamente dita se torna inhabitavel uma grande parte do anno. A neve alastra tudo. Nos tempos antigos succedia certamente o mesmo. Ora, é evidente que em paragens onde mora habitualmente o gèlo, e portanto a fome, nenhum povo viria assentar estabelecimentos fixos, os quaes, diga-se de passagem, se tivessem existido, haviam de deixar ruinas, que não podiam escapar á vista sagaz dos pastores, como lhes não escapam os signaes quasi apagados das rochas (Vid. infra), tanto mais que essas ruinas, em consequencia mesmo da sua situação longe dos povoados, forçosamente nos conservariam intactos os seus materiaes.

Devia acontecer nas epochas passadas o mesmo que hoje acontece. A Serra franqueava, durante alguns mezes do anno, as suas pastagens ao gado dos povos vizinhos; mas a gente, que vinha pastorear n'ella, tinha n'outra parte os seus domicilios, e nós não podemos esperar que ella nos deixasse por estes ermos outras memorias, se não as que nos deixam agora os seus descendentes e successores, alguns márrouços¹, que os guiam nas veredas (sic), algum tosco alicerce de curral provisorio; isto é, nada, ou pouco mais de nada.

¹ Montões de pedregulho. No Minho existe um monte elevado com o nome de Marouço.



O certo é que no largo trajecto da Serra, que percorremos, apenas encontramos com grandes probabilidades de um archaismo legitimo os signaes gravados em dois penedos, perto da fonte do Canariz ¹; mas tambem com toda a probabilidade estes signaes devem ter sido obra dos antigos pastores, hypothese que se impõe como consequencia forçada das observações que ficam feitas.

Estas reflexões são reforçadas por um facto, á primeira vista de pouco valor. Se para fins ethnographicos se pergunta aos pastores por bruxas, lobishomens, etc., elles respondem que d'isso não ha na Serra, mas lá para baixo, para a terra chã ², quer dizer, para sitios habitados desde tempos immemoriaes, onde, que não nos despovoados, criam verdadeiras raizes as velhas legendas, precisando de uma população que as alimente pela tradição de paes a filhos, e, em regra, de monumentos de civilisações extinctas, em que sejam localisadas, e a bem dizer authenticadas.

Agoã, se seguimos o caminho apontado pelos pastores, e dirigimos as nossas buscas para as cercanias da Serra, a começar pelos outeiros e cabeços que ligam com as planicies e valles, a esterilidade transforma-se em abundancia. Em todas as localidades, aonde nos levaram informações, cuja exactidão verificavamos, colhiamos novas informações, sempre interessantes; e esta boa fortuna, que, é possivel, mas não é provavel que fosse devida ao acaso e não continuasse a acompanhar-nos, deixou-nos a impressão de que para explorar com proveito, não dizemos toda a area marcada pela Sociedade de Geographia, mas sómente aquella que tinhamos tenção de percorrer, desde S. Romão, a sul de Ceia, até á Covilhã, dando volta por Folgosinho e Guarda, ser-nos-hia indispensavel um praso incomparavelmente mais longo que aquelle que nos foi dado. Infelizmente, o tempo, de que podémos dispor, foi pouco e esse mesmo mal aproveitado, em rasão da difficuldade e principalmente da morosidade dos meios de transporte, de modo que só podémos entrever a riqueza archeologica d'esta região, e fazer um reconhecimento muito ligeiro de uma pequena parte dos seus monumentos.

Impossivel nos é, por isso, satisfazer plenamente ás exigencias do nosso programma.

Não obstante, seguiremos n'este relatorio a ordem dos seus quesitos, declarando francamente a causa por que alguns d'elles foram prejudicados.

¹ A fórma d'estes signaes é . O que nos inculca a antiguidade d'estas gravuras é a sua analogia tal qual com outra, que se encontra n'uma fonte das faldas do monte de S. Romão (Citania) e o parentesco visivel das tradições de ambas as fontes: na de Briteiros ha um «Sino de ouro» dos mouros; na do Canariz existe «grande haver de mouros». A gravura da fonte de Briteiros é  e considerámol-a antiga, porque a encontramos na Citania associada a um suastika.

² Ha excepções, mas raras e muito incertas. Assim, a lenda relativa á Lagoa Escura é localisada aqui e em sitio muito distante. O caso de um sujeito raptado por uma bruxa na nave de Santo Antonio tem todos os visos de exotico.

I

ESTAÇÕES PRE-HISTÓRICAS

a) Só encontramos estações pre-históricas do typo da Citania e de Sabroso, a que nos referiremos por vezes, visto serem já conhecidas e em parte exploradas.

As que examinámos são: Castro de S. Romão (freguezia do mesmo nome), Cabeço do Castro (Torrozello), Tintinholho (Guarda).

Entram com toda a probabilidade na mesma categoria: Cristello, a sul de Ceia, notavel só pelo nome; Castro de Paranhos; Castro de Alfátema (freguezia de Passos); ruínas em Folgoso e arredores, como Cabeço de El-Rei e Castello Reigoso; Castro de Valhelhas; ruínas da Senhora da Serra ou da Penha (defronte da Covilhã); Cabeço de Argemella, pertencente parte ao Fundão, parte á Covilhã; Castro (?) dos Tres Povos; ruínas da Serra da Senhora da Povia; Castro em Pero Vizeu; ruínas da serra do Sobral.

Creemos firmemente que esta lista seria largamente ampliada por um explorador, que podesse percorrer com vagar o itinerario, que já dissemos ter tido tenção de percorrer¹.

Como se vê, o nome mais trivial é o de Castro (sempre com metathese); o de Castello apparece algumas vezes; o de Cristello uma só. nenhuns outros nomes genericos chegaram ao nosso conhecimento, o que não prova que os não haja, pois que, repetimos, as nossas explorações foram muito incompletas.

¹ Para prova: de uma nota que nos deu o sr. Luiz de Mattos, de Tortozendo, resumimos, pela ordem em que as recebemos, as seguintes informações: «No limite de Unhaes, no alto de Aboça, assento de muralha; por cima, ás vistas de Verdelhas, outro, mas maior; em Verdelhas outro; ás vistas da Aldea de Mattos dizem que ha mais dois, chamados por alguns castellos dos Patoétas, por outros castellos Redadeiros; na Aldea de Souto outro, e ahí um arco, como o de Bobadella, chamado o Arco de S. João. No concelho do Fundão, no limite de Lavacolhos, assento de muralha no Cabeço Gomes; ás vistas do Casal da Serra, freguezia annexa a S. Vicente da Beira, grande muralha demolida. Por cima do limite dos Tres Povos muralha no Cabeço de Escarrigo. No concelho de Penamacor, no sitio chamado Tabeiró, houve uma grande cidade, a que dão o nome de Serebeca. No concelho de Belmonte, ao pé do Zezere, grande cidade. No concelho da Guarda, limite de Videimonte, no fundo da Serra de Bois, grande muralha.»

Se os nomes especiaes, como Alfátema, Reigoso, Tintinholho, Argemella, etc. pertencem ás povoações destruidas, se aos montes em que ellas assentam, não o podemos averiguar, e menos ainda o valor archeologico que podem ter taes nomes.

Nenhuma tradição colhemos ácerca d'estas povoações arruinadas. Apenas do Castro de Alfátema conta a legenda ter sido destruido (sic) por uma invasão de gafanhotos e de formigas¹. De resto, como nas nossas outras provincias, os monumentos antigos são aqui attribuidos aos mouros.

b) Não notámos differenças consideraveis entre as estações que visitámos. Como o dissemos já, todas ellas têm o typo das ruinas exploradas no Minho, quanto á sua posição, systema de fortificações, etc.

Assim, o Castro de S. Romão occupa um cerro de abruptos declives, principalmente pelo norte, poente e nascente. A ribeira da Caniça e o Alva cingem-n'o em parte, augmentando ainda as condições da defeza. As duas correntes confluem ao norte do cerro, tomando a resultante o nome de rio Alva. Aos leitos muito frágios d'estas ribeiras fica sobranceira a cumeada em 150 metros proximamente.

Geologicamente é muito notavel o cerro, porque ali se ligam as formações graníticas, a grande massa da Serra da Estrella, e a dos schistos; a parte mais elevada e toda a escarpa do norte sobre a junção dos rios é granítica, ingreme em extremo.

São perfeitamente visiveis os vestigios das fortificações; a grande distancia mesmo a fórma do cêrro e a grande linha bem distincta da muralha exterior, uns 60 metros abaixo da cumeada, chamam logo a attenção. As muralhas são muito distinctas do lado do sul, e formadas quasi inteiramente de blocos de schisto; a superior, no cabeço granítico, é de blocos de granito e formava um pequeno recinto. A trincheira é um terraplano de 200 metros de comprimento, chamado na localidade Carreira dos Cavallos. A muralha exterior, no seu lado do sul, ainda se reconhece perfeitamente, tanto que só se póde penetrar no recinto fortificado pela antiga entrada, uma rampa bem definida, como se vê na estampa I². Na cumeada ha uma grande agglomeração cahotica de grandes blocos de granito, que mais parecem da

¹ A lenda de uma cidade destruida por gafanhotos repete-se n'outras ruinas proximas de Pinhel.

² *Explicação da estampa:*

a Muralha bem visivel, horisontal a principio, depois descendo para o sul.

b Muralha bem visivel, ligava com *d*, a acção das aguas ravinou o outeiro, arrastando os blocos.

c Bem visivel, grande accumulção de grandes blocos de granito, muito deslocados.

d Forma uma especie de plataforma, e chamam-lhe no sitio Carreira dos Cavallos.

e Grande accumulção de grandes blocos de granito; alguns parecem deslocados para formar abrigos.

f Rampa de entrada bem visivel.

A vertente norte e ambos os declives sobre as ribeiras muito abruptos.

O do sul muito suave.

Na vertente norte uma pequena gruta natural A casa da moura.

Fragmentos de ceramica grosseira, variada junto da muralha *b* e no declive para *a*.

Em *e*, sob um bloco mui saliente, fragmentos de ceramica negra, e fragmentos de telhas, vasos e um de tijolo romano.

Lendas de thesouros, haveres. Um sitio estava mexido recentemente, e o guia disse que provavelmente fôra alguem que ali demandára haveres. Todavia não consta que ali se tenha descoberto algum objecto notavel.

A muralha denuncia-se a distancia. Os muros *a* e *b* são em blocos de schisto; a vertente norte é granítica, mas a meridional é de schisto.

natureza que da arte; em alguns casos, porém, as pedras estão dispostas de modo tal, que parece que as aproveitaram, deslocando-as com intenção para formar abrigos; nenhum caso, todavia, em que se possa afirmar construcção, edificio determinado. Principalmente no recinto mais vasto, entre a segunda e terceira muralha, deparam-se frequentemente fragmentos de ceramica e de telhões com rebordo.

O Cabeço do Castro (Torrozzello) tem no essencial o mesmo caracter que o Castro de S. Romão, salvo que é de mais pequenas dimensões, e fica n'uma collina muito mais baixa. Toda a pedra das ruínas tem sido completamente saqueada. Ainda assim é bem visível a linha por onde corria a muralha na corôa do cabeço. Fragmentos de ceramica grosseira, fragmentos de telha com rebordo, encontram-se facilmente á superficie do solo, e, segundo nos affirmaram, quando por ali se arranca alguma arvore, a terra vem sempre misturada com muito carvão.

Tintinholho não tem differenças notaveis dos Castros já descriptos; mas a pequena escavação que ali foi feita pelo sr. Bravo, engenheiro do districto da Guarda, na qual, alem de outros objectos, foi recolhida uma moeda de D. João I, mostra que as povoações d'este typo podiam muito bem ter prolongado a sua existencia até epochas relativamente modernas¹. Tintinholho fica a noroeste e a 7 kilometros da Guarda. Do lado do norte são evidentes os vestigios de tres ordens de muralhas (vide est. II, fig. 2), e no planalto vestigios de construcções antigas. Todo o sitio é ermo agora; a parte mais elevada, pelo escarpado e fragoso, não é cultivada. Na baixa, a 2 kilometros, fica a povoação de Cavadonde (ou Cavadondes nos documentos antigos), e no sopé do pico encontram-se duas quintas, uma das quaes é conhecida pela denominação de Tintinholho ou da Fome. Fóra da terceira muralha, a noroeste estende-se uma ampla chapada, que parece artificial, comparada com a orographia local; em toda ella são vulgares fragmentos de ceramica, telha com rebordo, etc. No fundo da vertente corre o Mondego.

Das outras ruínas, que sómente conhecemos por informações, diremos que, se estas informações são exactas (e não ha razão para acreditar que o não sejam), o exame d'ellas e principalmente uma escavação bem dirigida deve fornecer á nossa archeologia subsidios da maxima importancia. Mencionaremos com especialidade Folgozinho com a sua rua feita pelos Galhardos (diabos), os braceletes de oiro e os machados de bronze ali encontrados, as suas «letras gregas» (*sic*) nas Fragas do Avento; a serra da Senhora da Serra com os seus punhaes de cobre e «letras gregas»; o grande cabeço de Argemella com as suas tres ordens de muralhas; a serra do Sobral e immediações com os seus innumeraveis signaes gravados em rocha, pégadas, etc.

c) Nas tres estações, que examinámos, a influencia romana é francamente accusada pela presença de telhas com rebordo; mas a origem pre-romana de todas ellas parece-nos incontestavel, attenta a sua analogia com Sabroso, onde não apparece o minimo vestigio de influencia romana, o que torna estas ultimas ruínas, se

¹ E não é para admirar. A povoação do Freixo, no concelho de Marco de Canavezes, occupa a corôa de um monte, que mostra ainda vestigios muito claros de um Castro, não menos importante que o de Tintinholho.

não estamos enganados, o prototypo de uma povoação puramente lusitana, pela qual todas as outras devem ser aferidas.

d) Dentro do recinto das estações, que vimos, não encontramos, insculpidos em penedos ou lages, circulos concentricos, espiraes¹, covinhas (*fossettes*), vulgares nas ruinas do Minho.

Devemos porém advertir que nos faltou tempo para um exame minucioso, e os que estão familiarisados com esta ordem de investigações sabem que difficuldades ha em descobrir taes signaes, que os agentes atmosphericos têm muitas vezes quasi obliterado e alguns dos quaes só se tornam visiveis, quando a luz os fere de um certo modo.

A sua existenciã é tanto mais provavel, que não faltam n'outras partes d'esta região gravuras em rocha, como se induz do que já fica dito e como se verá mais circumstanciadamente em seguida.

e) Não tivemos noticias de pedras ornamentadas, nem de baixos relevos, pertencentes aos monumentos de que tratámos ou a outros da mesma epocha. Quanto a estatuas, fallaram-nos de uma cabeça apparecida em Bobadella, hoje no instituto de Coimbra; uma perna achada em Girabolhos, e tres cabeças de argamassa (*sic*) encontradas na serra do Sobral. Excepto porém o fragmento da estatua de Bobadella, tudo o mais está perdido, segundo inferimos.

De inscrições ha a mencionar as de Bobadella, que vão adiante copiadas (vide est. III, fig. 3 a 7), a noticia das «letras gregas» existentes, como já dissemos, nas Fragas do Avento e na serra da Senhora da Serra, e alem d'isso no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhaes) e n'outras partes. Observaremos que a communicação d'esta noticia das letras gregas nos foi feita por um homem do povo e não é raro ver dar ao poyo o nome de «letreiro» a qualquer gravura em rocha.

Debalde nos esforçámos por alcançar copia d'estas inscrições ou d'estas gravuras.

f e g) Pelos motivos atrás repetidos, não nos foi possivel colher os dados que desejavamos, para o esclarecimento d'estes dois quesitos. Não repugna acreditar, antes pelo contrario, que, por exemplo, as actuaes povoações de S. Romão e de Torrozzello sejam os representantes das povoações arruinadas dos Castros, que lhes ficam proximos; mas a comparação do estylo ornamental, usado n'estes Castros ou em quaesquer estações da mesma idade, com o das igrejas antigas, comparação, que poderia reforçar de um modo positivo as probabilidades da sua filiação², falta, tanto, porque, já o dissemos, nenhuma pedras ornamentadas descobrimos nas nos-

¹ A unica espiral que encontramos é de Bobadella (vide est. IV, fig. 8), mas não gravada em rocha.

² Não se tenha como mera phantasia o subsidio que indicámos aqui para esclarecimento d'esta questão. Na antiga igreja matriz de Valença do Minho, entre outros ornatos, figura um swastika identico aos da Citania. Swastikas e espiraes, encontrou-as um membro d'esta secção na capella de Balsemão, perto de Lamego. A ornamentação curvilinea de alguns arcos-cruzeiros de antiquissimas igrejas, como a de S. Miguel do Castello (Guimarães), faz lembrar o estylo ornamental de Sabroso, da Citania e da Cividade (Ancora). Que entre nós existiu uma arte pre-romana parece indubitavel, estudando aquellas estações; e que algumas reminiscencias d'ella, pelo menos, atravessassem a epocha romana nada tem de admiravel. E em todo o caso esta opinião não é tão original, que não tenha sido sustentada, com relação á França, por alguns sabios d'aquelle paiz.

sas indagações, como por não acharmos nas igrejas, que visitámos, analogias fri-santes com a ornamentação em uso n'outras estações pre-historicas do nosso paiz.

Apressemos-nos porém a acrescentar que na maioria das localidades as igrejas antigas estão substituidas por edificações de hontem e os seus materiaes foram provavelmente atirados; como é costume, para os alicerces ou para o interior das construcções modernas.

Como excepção, apontaremos a igreja velha de Tourães, cujas ruinas têm sido respeitadas até certo ponto, e apontámo-la propositadamente, porque ahi, em quasi todas as aduellas do arco da porta principal apparece gravada a figura S igual a outra que se vê n'uma lage, perto de uma casa da Citania. Este caso isolado pouco vale, é certo; mas não póde tambem ser absolutamente desprezado¹, mesmo que seja marca de pedreiro a figura em questão.

Se porém esta ordem de subsidios é mais que insufficiente para o objecto que nos occupa — o estudo de transição das povoações dos altos para as planicies e da sua ligação com as povoações actuaes — em compensação, o exame de Bobadella parece-nos de uma importancia excepcional sob este ponto de vista. Muito provavelmente a povoação primitiva, como a de Torrozzello e outras, teve o seu assento n'um cabeço. Com effeito, a sudoeste e perto da villa, vê-se o monte do Rocio, em cuja vertente oriental se encontram, segundo informações fidedignas, restos de construcções, fragmentos de barro, etc. A povoação moderna, que fica n'um convalle, apresenta o aspecto de uma villa genuinamente portugueza e mais genuinamente beirão, que se obstinou em viver sobre as ruinas de uma cidade luso-romana, sem saber muito bem o que havia de fazer dos escombros, que entulhavam o terreno, onde erguia os seus edificios. Uma quantidade innumeravel de fustes de columnas, de capiteis (sem ornato digno de nota), de bases e algumas outras reliquias, que se acham luxuosas, depois da visita dos rudes Castros, estão por ali accommodados a trouxe mouxe, em casas de deploravel apparencia, em posições grandemente disparatadas.

Mas esta mistura da cidade morta com a povoação viva, á primeira vista extravagante, acaba por influir certo respeito e impõe a crença, um pouco sentimental, é verdade, de que nem os seculos nem as revoluções politicas lograram até hoje exterminar d'estes sitios uma commuidade, que, ha centenas de annos, os escolheu para patria. Seja como for, a cidade, a que chamámos luso-romana, á falta de melhor denominação, foi sem duvida construida n'um logar aberto, contra o uso corrente das povoações anteriores, que procuravam as eminencias, abrigando-se atrás de solidas muralhas, e é o documento positivo de um periodo social, novo para a Lusitania, o da «pacificação», para empregarmos a linguagem dos conquistadores romanos.

A sua destruição, quer devida ás hordas germanicas, quer ás dos arabes, acabou apenas com os edificios: uma nova povoação renasceu das ruinas da povoação

¹ Diremos ainda que a espiral, servindo de ornato como em Bobadella, se encontra na Citania na paredeira de uma porta, por baixo da inscripção: *Coroneri | Camali | domus*.

antiga, pelas mesmas razões, parece, por que, seculos antes, a povoação do alto do monte descêra para a planície, que lhe ficava mais perto — o amor ao berço natal.

Se pois não estamos em erro, n'este pequeno recanto da Beira a civilisação pre-romana, romana e post-romana deixam perceber os elos do seu encadeamento com uma nitidez relativa, que não é facil encontrar n'outra parte, e este facto julgámo-lo de summa importancia, tanto absolutamente, como por dar uma consistencia real a inducções, que o exame de outras localidades tornava até hoje pouco menos de arbitrias.

h) O culto das aguas, e nomeadamente das fontes, parece ter sido vulgar entre os nossos antepassados. Sem fallar nos deuses Bormanico, Tameobriga, etc., diremos que na encosta do monte da Saia (concelho de Barcellos), em cujo cimo existem ruinas iguaes ás que temos descripto, foi descoberto ha poucos annos um monumento, que sem duvida nenhuma era consagrado a alguma divindade, que tinha relação com aguas¹. A agua que alimentava o tanque do sanctuario tem ainda hoje virtudes miraculosas. Conforme a tradição, a nascente principal rebentou da pegáda (d'aqui o nome de Pègarinho, Fonte do Pègarinho, segundo a mesma tradição) da jumenta de Nossa Senhora, quando fugia para o Egypto, exemplo frisante, no nosso entender, da persistencia das antigas lendas pagãs sob uma fórma christianisada.

Nas faldas de Sabroso houve um monumento identico ao da Saia. Proximo do castello de Vermoim, outra estação de origem pre-romana, ha probabilidades de ter existido outro.

Nas nossas investigações nada encontrámos, que nos fizesse suspeitar da existencia de taes monumentos, e por isso nenhuma excavação fizemos para esclarecer este ponto tão interessante, quão obseuro das nossas antiguidades. Não nos cansaremos porém de repetir que o reconhecimento dos arredores da serra da Estrella exige muito tempo e muita minuciosidade. Uma exploração n'estas condições deve dar resultados importantes, porque «Fontes de Mouros» e fontes notaveis pelos thesouros, que contêem (na voz do povo), e outras, que já os contiveram na realidade, se as informações são verdadeiras, não faltam por ali, o que é um excellente indicio. A fonte de Torrozzello é dos mouros e ha lá riquezas occultas, diz a lenda. A fonte dos Namorados nos Tres-Povos é dos mouros. Na fonte da Pena Lisa têm apparecido barras de oiro. Em Santiago, defronte de Ceia, na «fonte Mourinha», tem sido vista a propria moura a lavar oiro. Quando é surpreendida por algum observador, faz-lhe uma momice e desaparece sob a fórma de flocos de lã.

i) Apenas podémos adquirir e entregámos fragmentos de ceramica e de vidro de pouca importancia, encontrados em Tintinholho e no Castro de S. Romão, uma moeda de D. João I, achada nas excavações de Tintinholho, dois machados de bronze encontrados em Azevo, (vide est. IV, fig. 9 e 10) cada qual da sua fórma, offerecidos pelo sr. Santos, 107 moedas romanas, encontradas na aldeia do Bispo e offerecidas pelo sr. Antonio Ferreira dos Santos, da Guarda.

¹ Hoje quasi inteiramente destruido. Duas pedras que lhe portenciam, onde estão esculpturadas duas figuras humanas e a cabeça de um animal, escaparam ao vandalismo, e são hoje propriedade de um dos membros d'esta secção.

É aqui lugar proprio de mencionar os objectos, que se diz haverem sido achados nas localidades, de que nos temos occupado. No lugar de Nogueira, sobre Ceia, onde apparecem vestigios antigos e que póde muito bem ter sido a primeira séde da povoação d'aquelles sitios, encontrou-se uma chapa de oiro com a letra M (informação do sr. Antonio Saraiva da Costa, a quem devemos valiosos serviços). Em Torrozzello, n'um batatal, appareceu um «botão de prata, maior que um pinto, com um leão, um caçador e uma lebre na carreira». É possuidor d'este objecto um herdeiro de Francisco Augusto, de Torrozzello, segundo conta a nossa informadora, a sr. Anna de Lemos, estalajadeira, que, para nos fazer a vontade, lh'o foi pedir duas vezes, encontrando-o sempre a dormir, valha a verdade. No Castro de Alfátima achou-se uma «bengala de prata com cadeia do mesmo metal», vendida a Ribeiro Saraiva, de Passos (informação do sr. Antonio Saraiva da Costa, de Ceia). Em Folgoso, perto das Fragas do Avento, um carvoeiro, ha poucos annos, ao arrancar uns raizeiros, descobriu cinco braceletes de oiro, o mais grosso dos quaes foi vendido por £ 50. Ha cousa de um anno appareceram mais dois iguaes, mas em localidade muito distante¹ (informação do sr. Antonio Ferreira dos Santos, da Guarda). No Castro dos Tres Povos foram encontradas moedas de oiro (informador o sr. José Luiz de Matos, do Tortozendo). Em Gibraltar, perto de Teixoso, appareceram n'um rego de agua «11 tigelões e 15 tigelas de prata» e não longe umas «argolas de oiro encadeadas» (do mesmo informador). Na fonte da Pena Lisa encontrou-se uma «barra de oiro que pesava libras 60» (idem). Proximo do Castello Reigoso foi encontrada uma «meada de arame de ouro, de que os pastores fizeram colchetes para as suas capas» (de varios informadores, entre elles um amigo do sr. Antonio Ferreira dos Santos).

Omittimos os achados de oiro em pó e de pedras preciosas.

Rebatendo o que possa haver de exagerado em algumas d'estas affirmativas, o certo é que alguns d'estes achados são perfeitamente authenticos. Um dos membros da secção archeologica possui dois dos braceletes encontrados em Folgoso (vide est. V, fig. 11 e 12), um dos quaes custou £ 24 e é fóra de duvida que dois outros, vendidos pouco antes a um ourives do Porto, eram duas vezes mais pesados. Do mesmo modo o arame de oiro, de que os pastores fizeram colchetes, ignorando o seu valor, é um facto incontestavel.

Mencionaremos ainda, por ter importancia como legenda, o «altar de oiro e a bezerra de oiro», que estão debaixo do altar da igreja de S. Romão, perto do Castro do mesmo nome.

O achado de armas de bronze n'esta parte da Beira não é raro, e d'antes parece ter sido vulgarissimo. Informações de boa fonte dizem-nos que uma quantidade innumeravel de machados de bronze tem desaparecido no cadinho dos fundidores.

Occupámo-nos ha pouco de Bobadella, como de uma povoação immensamente importante para o estudo da transição da civilisação pre-romana para a romana, e d'es-

¹ Em Pena-Lobo.

ta para a dos seculos subsequentes; mas este estudo só poderia ser feito com aproveitamento, se uma exploração methodica e minuciosa arrancasse debaixo d'aquelle solo os segredos, que lá devem estar soterrados. As reliquias hoje á vista fazem desejar ardentemente a extracção de muitas outras, que é licito suppor escondidas á profundidade de poucos palmos.

O monumento mais bem conservado é um arco romano (vide est. VI, fig. 13), de frente da igreja, mas em direcção cruzada com ella. A duzentos passos para o poente vêem-se restos de um segundo arco, igual ao primeiro, e de um ao outro corria uma calçada coeva d'elles, que seguia depois em direcções divergentes e mal determinadas, e que, segundo informações que nos repetiram com insistencia, existe ainda excellentemente conservada, quatro palmos abaixo da calçada actual. Por qualquer quintal, por qualquer alpendre, encontram-se fustes e fustes de columnas de diferentes dimensões, capiteis de columnas, bases de columnas, e o observador, passado algum tempo, começa a sentir certa impaciencia por querer ver alguma cousa mais que estroços de columnatas, alguma curiosidade mais que ninguem lhe mostra, quando aliás de baixo dos seus pés hão de existir duzias d'ellas, como lh'o inculca o aspecto geral da povoação em ruinas e o titulo, embora immodesto, de «splendissima», de que ella se jactava.

Mas nada. Tem de contentar-se com ver á beira de uma rua um pedaço de cimento romano; com saber que frequentes vezes apparecem por ali moedas, que ninguem guarda, moinhos de mão e objectos de pouca importancia. Perto da casa do Ervedal, indo á busca de inscrições, que lhe dizem haver lá, encontra por acaso, a aflorar do solo, uma pedra cylindrica com uma espiral gravada no seu topo apparente (vide est. IV, fig. 8).

Nada mais, a não ser as inscrições, que ao fim vão copiadas (vide est. III, fig. 3 a 7), e tres sepulturas em rocha, duas na Pedra da Estrella, a pouca distancia da povoação, a terceira um pouco mais longe.

É com verdadeiro pesar que não podemos dar mais extensas noticias d'estas curiosas ruinas; mas os seus grandes segredos estão á espera de um explorador que vá desentranhal-os do solo.

II

MONUMENTOS MEGALITHICOS

Dos monumentos respectivos a esta parte do programma temos só a mencionar: antas, sepulturas abertas em rocha e penedos com gravuras (mas vide *in fine* paragrapho *Antinhas*).

a) *Antas*.—As antas, que examinámos, encontram-se em Paranhos e nomeadamente, uma no lugar do Fontão, uma no lugar da Coutada, uma em Valdeivão, uma em Cadimens, duas no Chaveiral. Todas ellas estão arruinadas, excepto a primeira. Ha-as, segundo nos asseveraram, no Seixo, em maior quantidade que em Paranhos; em Villa Verde (Tourães); em Nellas; em Canas de Senhorim; em Sabreda; na Carrapichana; no Carrapito; em Aljão; no Carvalhal de Gouveias, já para o lado de Pinhel. Vimos as duas ultimas.

Sepulturas em rocha: uma em Nogueira, sobre Ceia; uma em Torrozello, no Penedo de Bom Nome; uma no lugar da Abóca, e uma no de Soitinho, não longe ambos os logares, de Oliveira do Hospital; quatro em S. Paio de Gramanços; tres perto de Bobadella; quatro em Paranhos; algumas em Girabolhos; muitas junto do Castello Reigoso; duas no Jarmello, defronte da igreja de Santa Maria. Não fallámos nas de Trancoso, Moreira de Rei, etc.

Penedos com gravuras: Fonte do Canariz; no Sabugueiro; em Santa Eulalia, a sul de Ceia, defronte da capella de S. Bartholomeu; em Nogueira, sobre Ceia; em Gramaça; na serra das Aguas de Ceira; no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhaes); na serra do Sobral.

Ainda mais que a dos Castros, a lista d'estes monumentos e de alguns outros indicados pelo programma deve ser consideravel, se a exploração d'estes sitios for feita com vagar e methodo. A anta do Fontão, por exemplo, que foi causa da nossa visita a Paranhos, deu lugar a que podessemos examinar mais cinco na area de pouco mais de 1 kilometro e a colhermos informações sobre muitas outras em freguezias circumvizinhas.

b) O desenho da anta do Fontão (est. VI, fig. 14 e 14-A), da do Aljão (est. VII, fig. 15 e 15-A), e do Carvalhal de Gouveias (est. VIII, fig. 16 e 16-A), dispensam-nos de miudas descrições e deixam ver que não ha differença importante entre estes monumentos e o geral dos das nossas outras provincias.

Todos elles têm galeria.

A anta do Carvalhal de Gouveias fica entre esta localidade e a de Pera de Moço, no sitio que tem o nome de Quinta da Estalagem.

Está no meio de um campo cultivado e serve, ora de cozinha, ora de abrigo aos guardas do campo ou aos rapazes que pastoreiam gado. O interior da camara tem sido por vezes revolvido. A mesa tem 2^m,50; os supportes medem de altura 2 metros. É uma construcção pequena, mas soffrivelmente conservada.

A anta do Aljão é de maiores dimensões. Fica entre o kilometro 28-29 (contando de Celorico para Coimbra), a 100 metros da estrada, n'uma lombada natural, plantada de vinhedo. Faltam-lhe tres supportes, de que restam ainda assim troços importantes. Afóra isso está bem conservada. Altura dos supportes 2^m,50; comprimento da mesa 3^m,20.

A anta do Fontão está n'uma chã, a que dão o nome de Valle da Igreja. A sua altura (referimo-nos sempre á parte descoberta dos supportes, não podendo calcular a parte ainda sotterrada) é de 2 metros; a mesa tem 2^m,80 no diametro do seu eixo, 3^m,05 no diametro que cruza com elle.

Todas as outras antas que vimos estão arruinadas, repetimos.

Nenhuma d'ellas tem gravuras. Apenas sobre a mesa da anta de Fontão se vêem duas cruces do seguinte feitio \dagger \ddagger ; mas a circumstancia de ser a anta, desde tempos remotos, propriedade de dois quinhoeiros, faz crer que estes signaes, como succede n'outras partes, não passam de marcas divisorias. No emtanto um dos co-proprietarios, que estava presente, nada soube dizer que podesse confirmar ou invalidar esta explicação.

A fórma vulgar de todas as sepulturas abertas em rocha, de que nos deram noticia, é, segundo podêmos inferir da descripção que d'ellas nos fizeram, a mesma que a das quatro de Paranhos, todas iguaes, e de uma das quaes damos o desenho (est. IX, fig. 17), hem como de outra de Jarmello (est. IX, fig. 18). Comprimento 1^m,80, 0^m,54 na maior largura, 0^m,46 na menor, 0^m,17 de raio no semicirculo, onde entrava a cabeça do cadaver, 0^m,23 de profundidade. Não tem rebaixe, que indique ter sido coberta por tampa de lousa, e é possivel que o fosse por um lascão, como acontecia n'outras partes¹.

Os penedos, em que estão abertas as sepulturas de Paranhos, pouco se elevam acima da superficie do solo.

No Minho, onde abundam sepulturas d'este genero, ha maior variedade de fórmas. Devemos, porém, advertir que vimos um numero pequenissimo, em relação ás

¹ Nomeadamente em Refojos do Basto, no sitio chamado «As campas dos mouros», não longe das ruinas da Cividade. A tampa da sepultura, que, diga-se de passagem, tem exactamente o mesmo feitio e quasi as mesmas dimensões que as de Paranhos, era pela sua parte superior uma grande pedra informe, e tão informe, que por muito tempo se suppoz que ella formava um só corpo com o penedo inferior, onde a sepultura estava aberta. Foi descoberta por acaso.

que nos noticiaram, e póde bem succeder que não sejam de todo exactas as informações quanto á sua identidade com as de Paranhos.

De gravuras em penedos e lages sómente examinámos as dos penedos junto á Fonte do Canariz (vide nota n.º 2). A gravura do penedo de Nogueira (est. X, fig. 19) devemol-a ao sr. Saraiva, que a desenhou de memoria. No Sabugueiro ha ainda uma gravura (est. X, fig. 20), que nos foi traçada sem hesitação pelo nosso informador (Manuel Lopes); mas pela descripção, que elle nos fez, a pedra, em que ella se encontra, não pertence propriamente á categoria das rochas esculpturadas¹.

Nenhuma d'estas gravuras, salvo a do Canariz, se assimilha ás que conhecemos; mas as «pegadas» e «ferraduras», que nos disseram haver na serra das Aguas de Ceira, e no limite da Coutada, e os circulos concentricos no sitio da Gramaça, etc., são vulgares, por exemplo, no Minho, e dignos, principalmente os ultimos, de um estudo especial.

c, d, e, f) As relações de todos estes monumentos com os Castros apenas as podíamos estudar em Paranhos, pois que visitámos esta localidade e ali encontrámos a associação de uns e de outros. Com effeito a nordeste das antas, que examinámos, foi-nos indicado um Castro, que pelo nome em si, pela posição n'um alto e pela circumstancia de ainda conservar vestigios de muralha e montões de pedra solta, conforme nos asseveraram, não póde deixar de ser identico aos outros, que descrevemos acima. Mas o tempo indispensavel á minuciosa investigação, que envolvem os quesitos d'esta parte do programma, faltou-nos de modo, que tivemos de recorrer á luz artificial, para não saírmos de Paranhos, sem vermos as suas curiosidades mais importantes.

A impossibilidade, pois, de procurar caminhos de exclusiva serventia dos Castros, ponto já de si muito escabroso, a falta de explorações que podessem fornecer objectos similares e a da descoberta de gravuras que, pela sua identidade, ajudasse a estabelecer a ligação que se pretendia apurar, inhabilita-nos para indicar uma solução qualquer ao problema que o programma formúla, e que, como se vê, é de uma importância summa, para ser tratado ligeiramente.

g, h) Acima excluimos as antellas² do numero dos monumentos que visitámos e fizemol-o propositadamente. Aos monumentos de Paranhos démos o nome de antas, declarando comtudo que, á excepção do do Fontão, todos os outros estão arruinados. Devemos acrescentar que o estão a tal ponto, que é quasi impossivel decidir se realmente houve ali uma anta, se outra cousa, salvo n'um dos monumentos do Chaveiral, onde um lascão enorme, já desmontado dos seus supportes e tendo uma das suas extremidades obliquamente enterrada no chão, offerece todas as probabilidades de haver sido a mesa de uma anta. O que nos decidiu a dar a todos

¹ Chama-se «Pedra da Meda». Os signaes da pedra eram indicativos de um thesouro, mencionados, thesouro e signaes, n'um «Roteiro» (tombo n'outras partes). O thesouro appareceu, por fim, mas foi empalmado por um espartalhão, etc.

² Chamámos antella ao que os archeologos chamam «tumulus» no sentido de sepultura não dolmenica, coberta por uma mamoa, fechada pelos seus quatro lados e tampada com pedras de maior ou menor largura. Evitamos assim a confusão da homonymia «tumulus» sepultura, e «tumulus» mamoa, e empregámos termos de origem popular: mamoa, anta e antella, cada um dos quaes exprime cousas perfeitamente definidas.

estes monumentos o nome de antas foi o terem-nos sido todos elles, incluindo a anta perfeita de Fontão, indicados como «casas dos mouros». Sem isso, ou sem alguma escavação, ninguém poderá afirmar com consciencia que especie de monumentos ali ha. O que, porém, póde afirmar-se com toda a certeza no de Cadimens, no do Chaveiral com grande lage, e no de Valdeivão, é que ali ha uma mamôa.

D'este ultimo foi unicamente a mamôa, destacando-se a alguma distancia n'uma lombada sobre o azul do horisonte, que podêmos ver, apontada ao dedo pelo nosso guia. A mamôa de Cadimens vimol-a de perto; a do Chaveiral, já especificada atraz, vimol-a e medimol-a, contando 22 passos de diametro, diametro quasi invariavel das mamôas que cobrem as antas do litoral do Minho.

D'aqui de duas uma, e isto traz-nos á resposta dos quesitos d'esta parte do programma: ou todos os monumentos de Paranhos são antas, dolmens, e todas as antas d'esta localidade eram cobertas por mamôas¹, ou alguns eram antellas e a incompatibilidade entre as antas e antellas não tem aqui logar, como tambem o não tem no Minho².

Attendendo a que a grande lage do Chaveiral inculca mais um dolmen que outra cousa, e que a mamôa é aqui perfeitamente distincta, a primeira hypothese parece ser a mais accetavel.

Não obstante, bem que não encontrassemos nas nossas excursões antella alguma bem definida, inclinâmo-nos a crer que n'esta região, onde abundam as antas, tambem não hão de faltar antellas; mas, pela desfortuna de as não encontrarmos, vê-se bem que não podemos resolver nada n'este particular, e ainda menos sobre as differenças das mamôas das antas e das antellas e sobre a sua questão chronologica.

i) Todas as mamôas que vimos estão descoroadas, em consequencia das escavações n'ellas feitas com diversos fins. Se tiveram ou não *menhirs* não é possivel saber-se. A não ser-nos defeso o campo das supposições, diriamos que nunca os tiveram, porque, alem de tudo, nunca os encontrámos em monumentos d'este genero, e apenas por informações nos consta que os ha para os lados de Penafiel, facto que precisa de ser averiguado com todas as precauções.

j) Não encontrámos monumento algum dos que nos occupam em garganta de monte, o que aliás não é raro no Minho, supposto que sempre á beira de algum caminho, sendo de presumir que esta ultima circumstancia determinasse a sua posição e não a configuração do terreno.

Á beira de caminhos ficam: a anta do Fontão (caminho de Paranhos a Nellas), a da Coutada (caminho do Seixo para o Carvalhal) e a de Valdeivão. Dos outros monumentos de Paranhos nada se póde afirmar ou negar a este respeito, porque o

¹ A anta do Fundão foi coberta primitivamente por uma mamôa? N'este ponto as opiniões dos membros da secção dividiram-se, e temos sómente a expor os seguintes factos: a anta não mostra hoje signaes de mamôa. Duas testemunhas presentes affirmaram que, ainda ha poucos tempos, em torno dos supportes da anta o solo se elevava cousa de 1/2 metro acima do nivel actual. O nivel do recinto interior é superior cêrca de um palmo ao do solo circumstante.

² Temos encontrado ahi antas e antellas formando um grupo, por exemplo, em Villa Chã, concelho de Barcellos.

terreno, em que hoje se encontram, está cultivado agora, sendo mais que provavel que andasse a bravia na epocha em que foram construidos.

Exceptuando o da Coutada e o de Valdeivão, que ficam em lombadas, todos os outros estão em pequenos convalles.

Nada nos indicou que as sepulturas em rocha e os penedos com gravuras occupassem sitios intencionalmente determinados.

k) Em Paranhos, já o dissemos, as antas têm para o povo o nome de «casas dos mouros». No Seixo parece ser tambem usual esta denominação. A uma anta entre Rio Torto e Arcozello chamam «Pedra de Orca¹» ou «Penedo dos Mouros», segundo nos disseram. Não vimos que o nome de anta fosse conhecido; mas bem conhecidas são as antas de Penalva, que, é bom notar-se, ficam, como as mencionadas, na margem do rio Mondego.

Quanto a tradições ligadas a estes monumentos, em Cannas de Senhorim, segundo o sr. Pinho Leal, era costume queimarem-se os dizimos sobre as antas d'esta localidade. Na anta de Carvalhal de Gouveias, como nos assegura o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, medico-cirurgico em Pinhel, succedia a mesma cousa, com a particularidade de se tirar da direcção do fumo, conforme elle se inclinava para a direita ou para a esquerda, o prognostico sobre a abundancia ou carestia do anno².

Ácerca das sepulturas em rocha não recolhemos tradição alguma. O seu nome mais popular é o de «pias» (o mesmo no Minho), a ponto de que o Casal de Pias, perto de Castello Reigoso, não deve a sua denominação senão ás muitas sepulturas que lhe ficam proximas.

Como nas nossas outras provincias, as lendas populares localisam-se de preferencia em penedos, e contêm no essencial as mesmas idéas mythicas.

Vamos dar conta de algumas, para prova do nosso asserto.

No Sabugueiro (margem direita do rio Alva), que é o «limite dos marouços», um pastor ía passando com o seu rebanho e o seu cão por diante de um penedo, e, vendo sobre elle uns figos seccos, ía a deitar-lhes a mão, quando uma voz lhe gritou: «Schit! Schit! larga isso.» Não obstante a voz abrandar de tom e continuar dizendo que lhe cederia os figos, se o rapaz em troca lhe desse os safões (calcões de pelles usados pelos pastores), o pastor largou a fugir, porque descobriu que quem assim lhe fallava era uma estranha creatura, meia mulher, meia cobra. O narrador não deixava de commentar que, se o rapaz se deixasse beijar pela mulher, esta quebraria o encanto.

A 2 kilometros a sul de Torrozello ha o «Penedo do Jogo», assim chamado, «porque costumam os mouros vir para ali jogar³». De vez em quando apparece n'elle

¹ Este mesmo nome é usado em outras localidades da Beira, como se vê no «Portugal antigo e moderno», do sr. Pinho Leal. Do auctor sabemos que um erro typographico desfigurou o nome de Orca no artigo do seu dictionario, Cannas de Senhorim.

² O agouro tirado da direcção do fumo, é conhecido em Basto. Ahi, quando alguém morre, queima-se-lhe a palha do enxergão. Se o fumo sobe direito para o ar, a alma do defunto foi para o céu; se inclina para a esquerda, foi para o inferno; se para a direita, para o purgatorio. A mesma superstição existe na Ponte da Barca.

³ As etymologias populares são frequentes na Beira. Folgosinho, por exemplo, vem de folgo (folego), porque um certo rei, subindo o monte, parou na meia encosta, onde hoje é Folgosinho, «para tomar folgo».

uma moura a acenar aos transeuntes para que se approxinem; mas não consta que ninguém accedesse ao convite.

Não succedeu o mesmo em Filhadosa, tambem vizinha de Torrozello. Ahi havia igualmente um penedo, onde costumava apparecer um vulto «de barrete vermelho», que pedia aos passageiros, ou um cabello ou um fio de lã, promettendo-lhes muitas riquezas em troca. Não sabia dizer o narrador se o fio de lã tambem havia de ser vermelho (particularidade que não é alheia a esta lenda); mas sabe que o mouro quebraria o encanto, se recebesse uma das cousas com o proverbial beijo, segundo parece, pois que um tal que annuiu ao convite do mouro, viu-o trepar por elle acima sob a figura de uma cobra, e, apesar de prometter que não se assustaria com o que visse, quando sentiu o encantado chegar-lhe ao pescoço, repelliu-o violentamente. O vulto desapareceu, dizendo: «O que tu perdeste!»

Como se vê, estas lendas em nada differem das conhecidas n'outras partes.

A seguinte contém uma circumstancia pouco vulgar e por isso a mencionámos. Um rapaz de Travancinhos, hoje Travancinha (somos o echo fiel do narrador), indo ao moinho, viu n'umas fragas proximas da ponte de Jugaes (já sobre o Alva e Caniça reunidos) uma mulher muito linda, que lhe prometteu grandes riquezas, se elle voltasse por ali e não dissesse nada do que vira e ouvira. O rapaz não se teve, que não contasse tudo á primeira pessoa que encontrou, e esta ás justiças da terra. Tirou-se logo uma devassa em fórma e o processo foi guardado por muito tempo n'uma casa de Santa Eulalia, duvidando-se se ainda lá existe hoje. Isto passou-se «antes dos francezes».

N'este ramo de archeologia a colheita deve ser profusa e variada. As tradições e lendas têm aqui um ar de vida notavel. Ha de tudo: penedos cheios de thesouros, mas contra os quaes é impotente qualquer instrumento conhecido, que se põe necessariamente em hastilhas contra a dureza da rocha, como succede n'um fragão proximo ao «Penedo do Bom Nome» (Torrozello); os Galhardos (diabos), fazendo ruas, como em Folgosinho, e outras vezes pontes, como a Ponte Nova entre Teixoso e Caria. N'uma d'estas construcções a «mãe do diabo» ajuda á obra, acarretando pedras e fiando ao mesmo tempo n'uma roca (o mesmo se conta n'outras partes das mouras).

N'outra ordem de factos temos a benção, dentro da igreja, de bois bravos, ainda não *junguidos* (sic), como em Sandomil; a posse temporaria dos baldios pelo primeiro occupante, que na noite do Natal ou de S. João os vae marcar com um rego, como em Valesim, etc., etc.

Antinhas. — Com o nome de antinhas são conhecidas, desde Belmonte até Idanha a Velha, algumas construcções, que não sabemos classificar, por não podermos fazer d'ellas uma perfeita idéa.

São antas? São antellas? Forcejámos inutilmente por apurar se estas construcções tinham um dos lados abertos. A resposta insistente é que são uma «especie de poço».

Sendo antas, falta-lhes em todas a mesa.

Umam são redondas, outras quadrilongas. As redondas compõem-se de sete e oito pedras, que têm de altura umas 3, outras 4 metros e mais.

Estão descobertas; mas é para notar que outro nome, com que são designadas, é o de «madorras», que em muitas partes é synonymo de mamôa.

Algumas occupam o cimo dos outeiros, como a do Torrão (Idanha a Velha), que fica no alto do «Cabeço dos Mouros», outras acham-se em planicies.


Nomearam-nos, alem da do Cabeço dos Mouros, uma em Belmonte, perto do Zezere; tres na Ribeira da Meimôa; uma perto da quinta do Ortigal; uma no Arundinho, perto de Unhaes; tres na ladeira dos Vinte.

Têm sido encontradas dentro d'ellas «cunhas que medem de comprido 20 a 25 centímetros, e 8 a 10 de largo, e estas têm a côr preta e parecem de pedra» (machadinhas sem duvida). Demais d'isso, apparecem tambem «costelletas, como de porco», mas dispersas, e têm a côr de café escuro; são rigissimas, e feridas com fuzil ferem lume como se fossem pederneiras (facas de silex, parece).

VARIA

No monte Arroio, no ponto, onde a estrada de Ceia entronca na de Coimbra, appareceram, ao abrir a estrada, e 1 metro abaixo da superficie do solo, varias sepulturas abertas no saibro de $2\frac{1}{2}$ metros sobre $1\frac{1}{2}$, e dentro caveiras e ossos de esqueleto completo, que se desfazião em pó, mal eram expostas ao ar livre. Junto com os ossos algum carvão¹.

Quando no caminho de ferro da Beira se segue o pittoresco valle do Mondego, avistam-se muitos grupos de casas vulgares, mas entre estas, por vezes, mais ou menos isoladas, algumas de construcção especial, de aspecto mais pobre, rude e rudimentar. São quadradas ou circulares, com tectos de colmo de fórma conica; as casas quadradas mesmo têm o tecto de tal modo disposto, que segue a principio as faces do edificio, mas vae boleando successivamente, e a certa altura, menos de metade, já a fórma é perfeitamente cónica.

Ha uma industria muito curiosa dos pastores de alguns sitios dos arredores da Guarda, especialmente do Jarmello. Fabricam varios objectos, quasi sempre cruces, com bocadinhos de madeira, chanfrados, que travam de modo engenhoso. O elemento isolado é 

São tambem notaveis as cucharras (colheres), fabricadas pelos pastores da Serra da Estrella, de «pau do ar» (chifre), preto ou branco, e com o seu cabo diversamente ornamentado.

Um cerro, que dá sobre a Nave de Santo Antonio, tem o nome de Espinhaço do Cão.

Loiva == noiva.

Sirouco == neve miuda.

¹ Informação do sr. Antonio Saraiva, de Ceja.

Na construcção da Ponte Nova, entre Teixoso e Caria, os galhardos (diabos) lidavam com toda a azafama para acabar a obra, quando cantou um gallo. «Já cantou o gallo, dizia um d'elles, vamo-nos». Foi o gallo pardo, observou outro. «Não, foi o gallo preto romano, replicou o primeiro».

E perderam a partida.

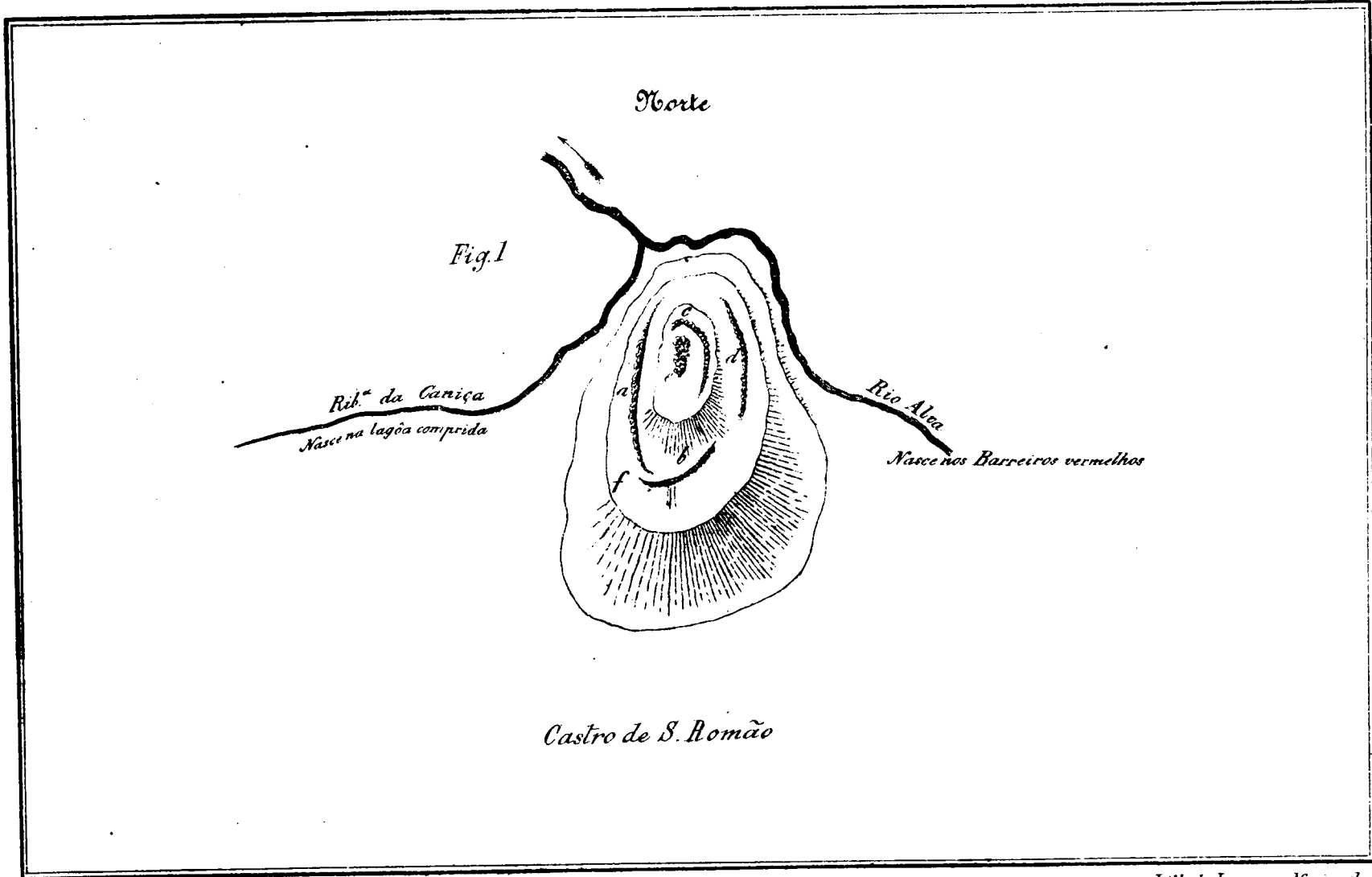
Na benção dos touros bravos em Sandomil o padre lê o Evangelho, pondo-o entre as pontas do animal.

Em S. Domingos, perto de Ceia, para qualquer se livrar das sezões, offerece ao santo uma telha. A promessa, porém, só vale reunindo as duas condições: a telha ha de ser roubada e a uma pessoa brava (de coragem). O mesmo costume existe no Alentejo, e é vulgar no Minho.

Em Paranhos e outras partes: pinheiro esfolado indica sitio baldio, mas já apropriado por um primeiro occupante. Bandeira vermelha diz que o proprietario matará qualquer animal, que entrar n'aquelles terrenos. Bandeira branca diz que nas terras, onde ella se encontra, ha substancias envenenadas.

Burro, picanço, zangarilho, são nomes que nos arredores de Ceia designam um engenho muito primitivo de tirar agua, e que se encontra igualmente em outras provincias nossas. É um pinheiro que joga como uma balança, mas sempre desequilibrado, porque uma pedra na extremidade opposta áquella em que está preso o balde é mais pesada que este e que a agua que elle póde conter, e ergue-o naturalmente do fundo do poço, onde só ha o trabalho de o mergulhar.

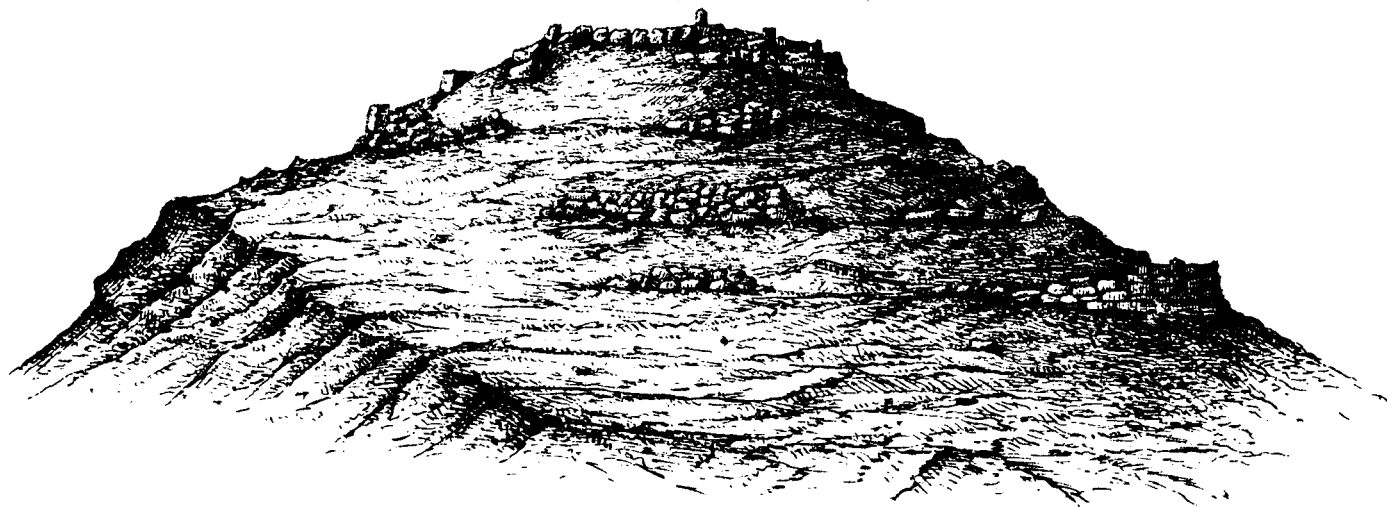
Jogos usados pelos rapazes de S. Thiago, defronte de Ceia: alfinetes, annel, bilharda, bola, botão, argolinha, burraca, burrinho, cabra cega, castellos, cantos, chapas, dedaes, fito, gallinhas, inferno e paraizo, laranjinha, malhão, pélla, pião, papagaio, pitorra, rapa, talinhos, truques, covinha, pares e nunes, jogo da rainha.



Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella

Lith. da Imprensa Nacional

Fig. 2.



Ruínas de Tintinholho

Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella

Lith. da Imprensa Nacional

Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

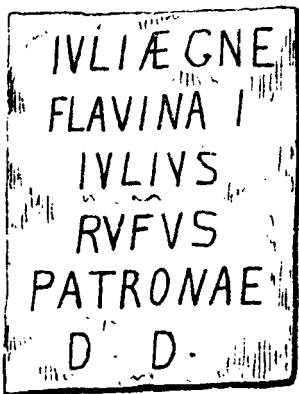
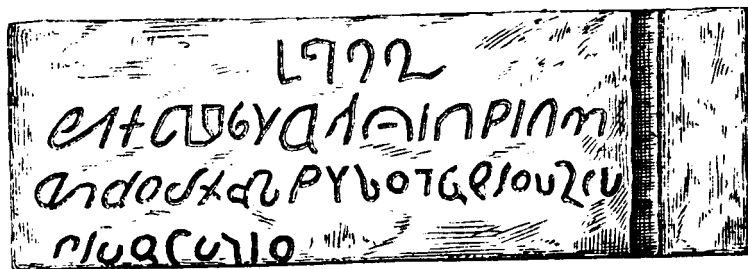


Fig. 6



Fig. 7



Inscrições de Bobadella

Fig. 8



Espiral de Bobadella

Fig. 9

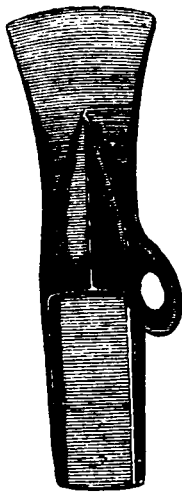
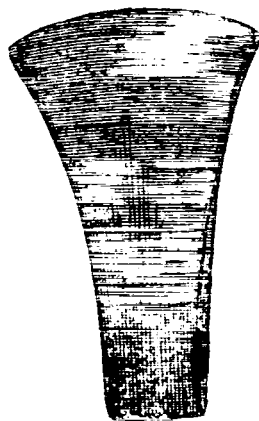


Fig. 10



Machados de bronze encontrados em Azevo

Fig. 11

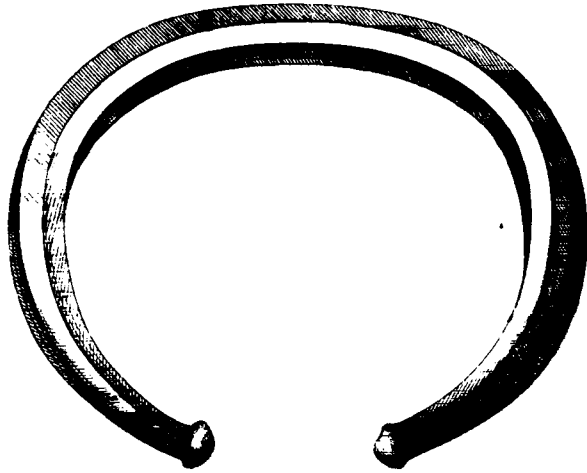
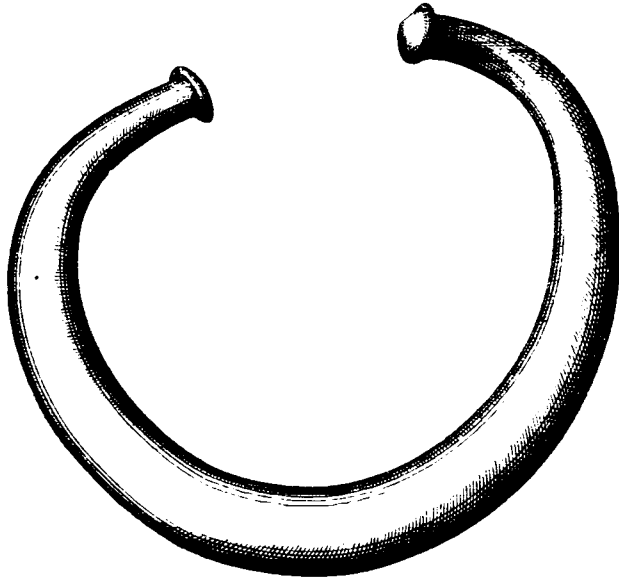
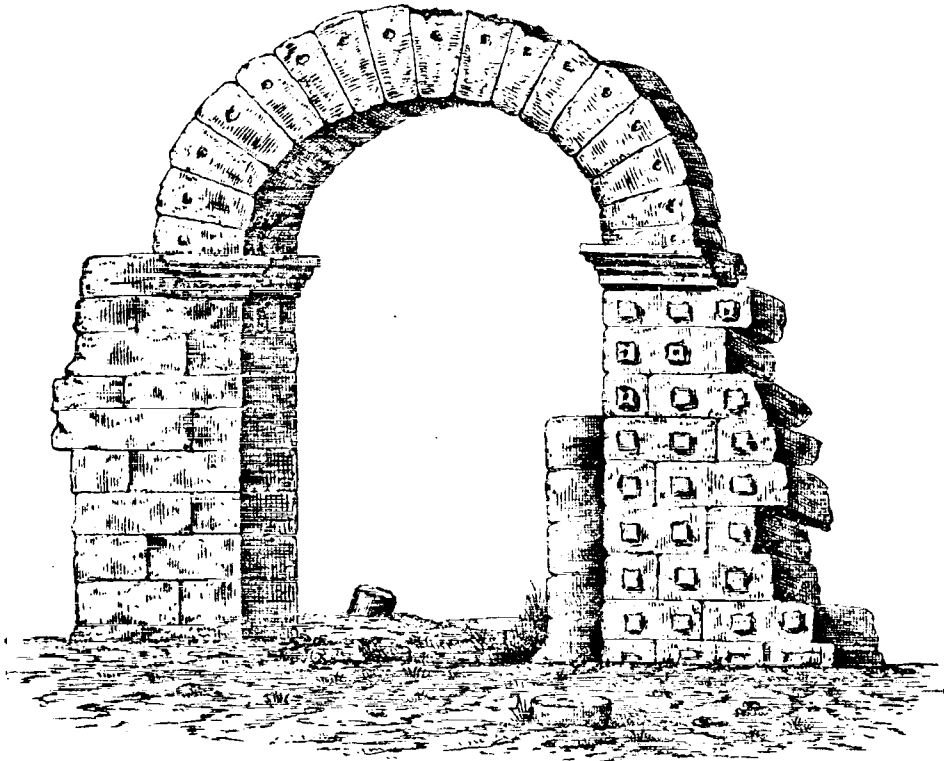


Fig. 12



Braceletes de ouro achados em Folgoso

Fig.13



Arco Romano de Bobadella

Fig.14

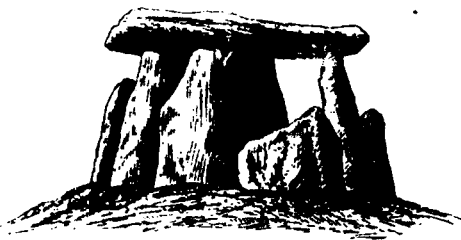


Fig.14A



Anta do Fontão, frente e lado

Fig. 15

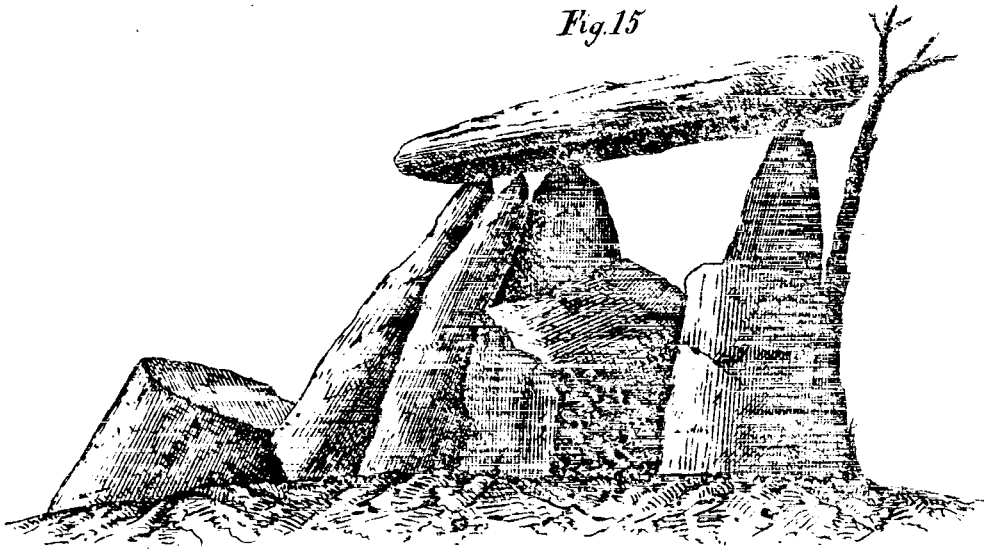
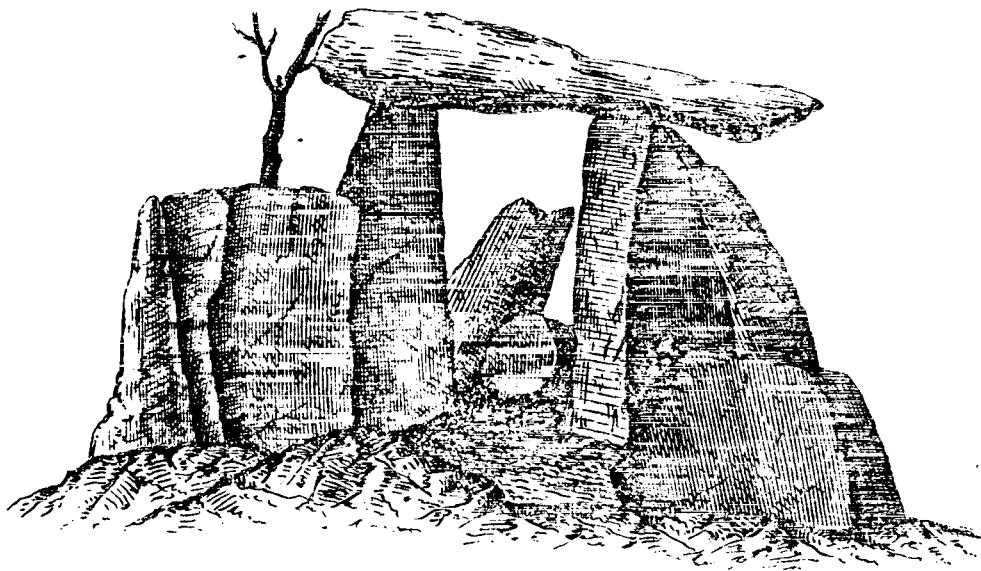


Fig. 15 A



Anta do Aljão, vista por dois lados

Fig. 16

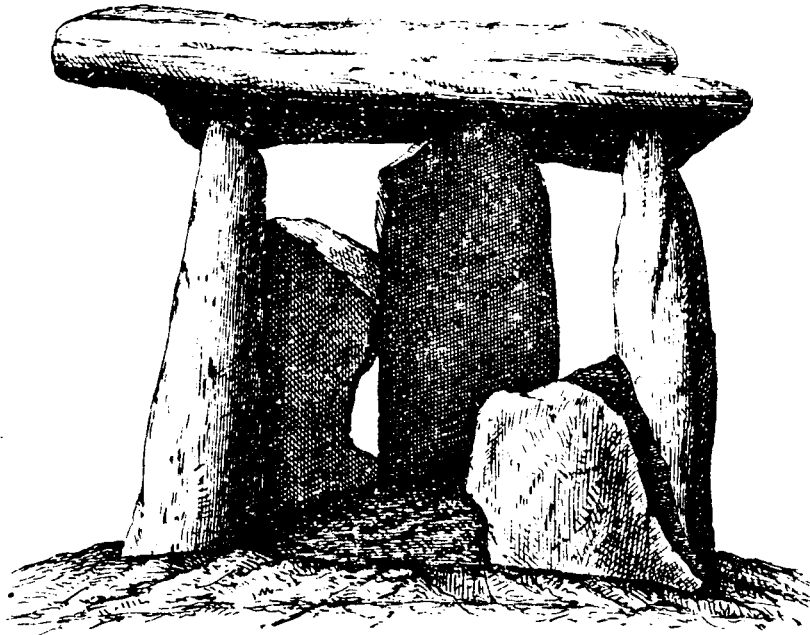
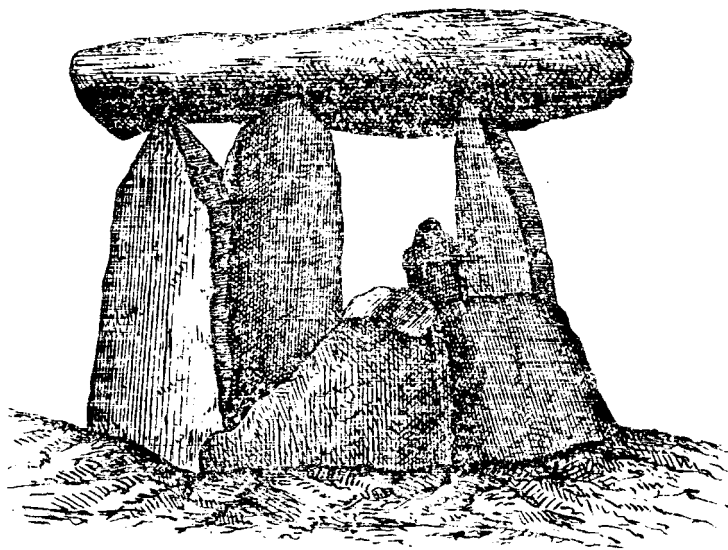
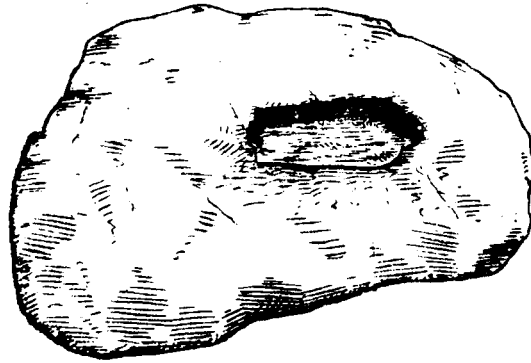


Fig. 16 A



Anta do Carvalhal de Gouveias, vista por dois lados

Fig. 17



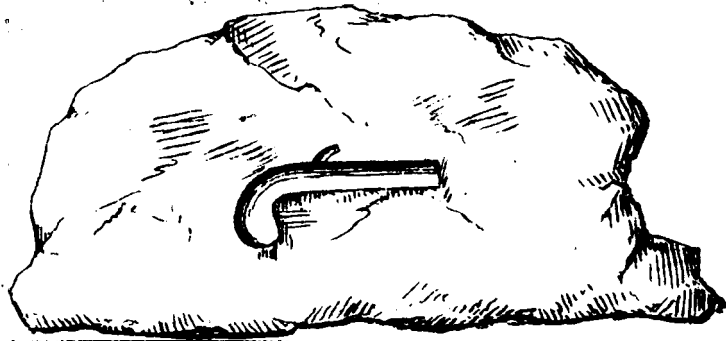
Sepultura aberta em rocha (Paranhos)

Fig. 18



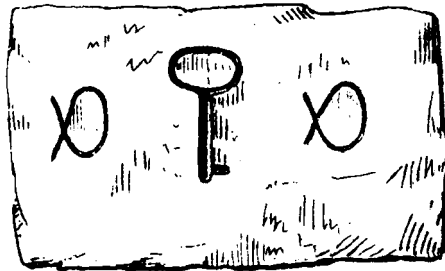
Sepultura aberta em rocha (Jarmello)

Fig. 19



Gravura em rochedo (Nogueira sobre Ceia)

Fig. 20



Gravura em pedra (Sabugueiro)

